

## **NOEL ROSA: UM COMPOSITOR COM FORTES TENDÊNCIAS MODERNISTAS**

*Jair Francis* (UERJ)  
[jair.francis@gmail.com](mailto:jair.francis@gmail.com)

As primeiras décadas do século XX foram decisivas para o estabelecimento e a afirmação da nacionalidade brasileira. Todas as formas artísticas foram testadas, podendo-se dizer que da confluência das várias vertentes resultou alguma coisa muito nossa. A feição nacional marcaria a literatura, as artes pictóricas, a música. Nesse terreno conviveram a música “educada” das cortes europeias e as formas populares, que, vinda das senzalas transmitiria algumas características muito peculiares. Segundo Mário de Andrade, música popular é aquela que, sendo composta por autor conhecido, espalha-se por todas as camadas de uma coletividade, sempre condicionada às modas, permeável às diversas influências, tendo a capacidade de se folclorizar. Resulta do intenso processo de miscigenação. No Brasil todas as formas de música regional haveriam de colaborar no resultado final: os lundus, de origem africana, que se transformariam em canção brejeira ou maliciosa; as modinhas, que desde Domingos Caldas Barbosa renovariam o lirismo português, já esgotado, e passaram a ser acompanhadas pelo violão; fandangos, baião, maracatus, caboclinhos, modas de viola, etc. Este acervo, eminentemente folclórico, anônimo, produzido pelas classes incultas, veio a exercer influência ponderável na música urbana, dando em resultado o samba, tal como se conhece hoje. Nesse contexto destaca-se a figura emblemática de Noel Rosa, que tem o mérito de intelectualizar o samba e fazê-lo, definitivamente, representar o talento musical popular.

Noel Rosa foi um mediador cultural e um dos precursores do samba moderno. Noel foi assemelhado como cronista, filósofo e poeta dentro do seu meio e contexto popular de sua época. Em suas letras, o sambista Noel Rosa expressa fortes tendências modernistas, sua época, o samba, seu meio e o carnaval.

Esse período entre o final do século XIX e início do século XX, particularmente, foi muito importante para a história da língua portuguesa e da literatura do Brasil, porque se sucederam fatos im-

portantes com transformações estruturais e culturais como a atuação de escritores e poetas tais Machado de Assis e Olavo Bilac. Nesse período a literatura brasileira atinge sua plena maturidade: a Semana de Arte Moderna, a criação da Academia Brasileira de Letras em 1897, por exemplo.

O Rio de Janeiro no início do século XX era a capital da cultura no país. Tudo o que acontecia provocava uma repercussão nacional. A capital da república fervilhava com o nascimento do rádio e com o aparecimento das primeiras salas de projeção; logo depois o cinema falado faria uma grande revolução nos costumes do dia a dia.

Na música popular ocorreu uma espécie de generalização, com o início do processo de difusão da música popular e normalização, com o crescente multiplicar de pessoas de diversas classes sociais que começaram a consumir e divulgar o samba; a partir das esferas populares, rumo às camadas médias e superiores. Nos anos 30 e 40, por exemplo, o samba e a marcha, antes praticamente confinados aos morros e subúrbios do Rio, conquistaram o País e todas as classes, tornando-se uma espécie de pão-nosso cotidiano de consumo cultural. Enquanto nos anos 20 um grande sambista como Sinhô era de atuação restrita, a partir de 1930, ganharam escala nacional, figuras como Noel Rosa, Ismael Silva, Almirante, Lamartine Babo, João da Baiana, entre outros.

Eles foram o grande estímulo para o triunfo avassalador da música popular nos anos 60, inclusive na interpenetração com a poesia erudita, Uma quebra de barreiras que é um dos fatos mais importantes da nossa cultura contemporânea começou a se definir nos anos 30, com o interesse pelas coisas brasileiras, resultado que sucedeu ao movimento revolucionário de 1930.

O início do século XX é palco de várias transformações. Período fértil para o estudo de vários assuntos socioculturais e socioeconômicos, como a modernização da cidade do Rio de Janeiro como instrumento transformador da cultura, entre várias outras coisas, o surgimento da 7ª arte com as salas de cinemas (mudo e depois falado); o progresso nos novos meios de transporte; nos costumes: fortalecimento da sociedade de consumo. O mais importante, porém, foi o desenvolvimento da linguagem de uma sociedade, que começou a reconhecer-se como personagem nas letras de sambas.

As letras de Noel Rosa expressam alguns indícios do português falado no início do Século XX nas letras do sambista Noel Rosa, sua retórica e estrutura modernista na cultura carioca. As letras de Noel demonstram o falar do cotidiano de seu tempo, visto que esta oralidade foi um contraste com a norma culta vigente da época, mas sua estrutura, em alguns aspectos, está presente ainda nos dias de hoje.

Noel Rosa, o poeta de Vila Isabel, que é considerado um paradigma da MPB, como um letrista profissional pioneiro. Noel deu nobreza ao samba e ajudou a projetá-lo como gênero de primeira grandeza no cenário musical brasileiro. Ele foi dos primeiros a trazer a modernidade para esse rico veio de nossa cultura popular. Cronista arguto que bem soube observar o meio em que vivia, tirando daí farto material para suas composições e contribuindo para definir o perfil poético desse tipo que hoje chamamos de carioca. Esta é uma característica importante na obra de Noel Rosa. Centrada em um microcosmo social caracterizado pelo samba, Vila Isabel e a sociedade carioca dos anos trinta.

Depois da busca incessante dos grupos de intelectuais do começo do século XX em prol de uma identidade nacional, pode-se conceitualizar a importância do movimento sambista. Percebe-se, ao longo do início do século XX, que a necessidade de estabelecer uma nacionalidade brasileira é indiscutível, desde os primórdios da República. Tanto os pré-modernistas quanto os “modernistas” buscavam meios efetivos de determinar o que seria essencialmente nacional. Os “pré-modernistas”, como Monteiro Lobato, viram no caboclosertanejo o verdadeiro símbolo da Nação Brasileira. Posteriormente os modernistas utilizaram o conceito artístico e cultural para expor o verdadeiro caráter nacional. Mas o que é importante ressaltar no trabalho é a força que o movimento sambista teve nesse período, como difusor da busca dessa identidade nacional. Não se pode, porém, defini-lo somente como difusor, esses sambas também foram criadores de uma nacionalidade que caracteriza os brasileiros até os dias atuais. Noel Rosa foi extremamente irreverente ao produzir seu samba, expressando não só aspectos emocionais, mas também certos traços da realidade brasileira, como a miséria, o caráter “doentio” e as incertezas políticas da população. Ele seria como um *alter ego* dos personagens invisíveis da República, e se tornou um dos maiores representantes da arte carioca que nascia em meio às grandes mudanças

políticas e culturais que o país vivia. Somente por essa efervescência político-cultural é que os sambistas, como representantes do povo, ganharam voz.

Compositor dos mais criativos da história da música popular brasileira, original, sarcástico e ao mesmo tempo lírico, Noel Rosa foi um dos responsáveis pelo grande sucesso das músicas do rádio no início do século XX brasileiro. Hoje, é reverenciado e cantado por grandes nomes da nossa música, como Paulinho da Viola e Chico Buarque.

Parceiro dos mais importantes compositores de seu tempo, Ary Barroso, Lamartine Babo, Ismael Silva, Cartola e Orestes, foi testemunha de acontecimentos significativos da história e da cultura brasileiras, como a fundação da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, que junto com algumas outras, dariam início aos desfiles de carnaval na antiga Praça XI iniciando as apresentações dos desfiles tal como é conhecido hoje.

Tinha na irreverência sua marca registrada, e o bom humor, típico dos cariocas, era a arma sempre pronta para disparar em todas as direções, e às vezes, contra si mesmo, já que ele não se levava muito a sério. Boêmio incorrigível cultivou uma vida desregrada e pouco recomendável para sua saúde debilitada. Tipo franzino, frágil, antiatleta. Noel Rosa produziu nos seus vinte e seis anos e cinco meses de vida uma obra vasta que se tornou referencial na música brasileira, graças às suas letras inteligentes e bem construídas.

No início do século XX no Rio de Janeiro, Noel Rosa foi um mediador cultural ao sintetizar o melhor da cultura musical negra, representada pelo samba do morro e o melhor da cultura musical branca do subúrbio, representada pelo samba suburbano de classe média ou samba do asfalto. Ele usou em suas letras uma linguagem bem próxima do português coloquial (falado), de sua época no Brasil, e essa mistura, entre o samba do morro e o samba do asfalto, formou o samba moderno.

Noel contrariou certa imposição romântico-parnasiana das letras da maioria das canções de seu tempo, pois em suas letras nota-se o registro da língua popular. Isso tem o intuito de melhorar a comunicação com as massas, visto que usou a linguagem do dia a dia usa-

da pelas camadas mais simples da população, e não uma linguagem erudita de difícil compreensão pelo povo. Noel Rosa distancia-se da elite, não está interessado nela, e tem como objetivo conquistar a grande massa do povo brasileiro, aquela de muito pouca instrução escolar ou, na maioria das vezes, analfabetos e desprovidos de uma cultura elitizada e intelectual. O que é comprovado na linguagem simples e descritiva dos acontecimentos de sua época enfocados em suas letras.

O poeta de Vila Isabel não é um homem impelido pelos demônios do século XIX, o trabalho, a obrigação, a religião (agnosticismo), raça (senão racismo). Ele já tem características do homem do século XX, com um olhar crítico sobre a ascensão moderna da cidade do Rio de Janeiro, com seus cinemas, o telefone, o bonde e a eletricidade. Noel Rosa tem seu “escritório” no botequim, como é dito na música *conversa de botequim*; ele não dá importância para trabalho (formal), obrigações e religião. Noel é boêmio e pensa no momento presente, apenas, sem parecer se importar ou ter a intenção de deixar algo para a posteridade ou entrar para a história.

A obra de Noel Rosa, ao incorporar toda malícia de um Rio de Janeiro cosmopolita e boêmio, capital federal e universo de confluência da informação, o situa como cronista, filósofo e poeta mais característico da cidade da década de 30. Enquanto cronista, através do lírico e do satírico, surpreende, em sua continuidade no registro de costumes hábitos e concepções. Enquanto filósofo, convida à reflexão crítica desses mesmos costumes, hábitos e concepções. Enquanto poeta, incorpora ao fazer poético o prosaico, o coloquial, o clichê, recuperando-os expressivamente ao dessacralizar o discurso poético-musical, ao encontrar a fusão adequada entre o elemento popular e a sua posição de classe, em moldes próximos à empresa poética dos modernistas.

Assim, tudo o que espelha a riqueza da nossa oralidade, claro que com o uso de mecanismos encontrados na língua coloquial das ruas do Rio de Janeiro, é resultado de um complexo e longo processo de evolução da língua portuguesa, desde o descobrimento até os dias de hoje, e presente nas letras do Poeta da Vila, fazendo-o um compositor com fortes tendências modernistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMIRANTE (Henrique Fôreis Domingues). *No tempo de Noel Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BARBOSA, Osmar. *Grande dicionário de sinônimos e antônimos*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 2. ed. Lumiar, 1996.
- CARVALHO, Castelar de; ARAÚJO, Antônio Martins de. *Noel Rosa: língua e estilo*. Rio de Janeiro: Thex; Biblioteca da Universidade Estácio de Sá, 1999.
- CHEDIAK, Almir. *Songbook de Noel Rosa*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1991, 3 vol.
- COSTA, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DEALTRY, Giovanna Ferreira. *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
- DINIZ, André; LINS, Juliana. *Noel Rosa*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2008. (Coleção Mestres da Música no Brasil)
- DINIZ, André. *Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Almanaque do choro: a história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Almanaque do carnaval: a história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

- DOMENICO, Guga. *O jovem Noel Rosa*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003. (Coleção Jovens sem Fronteiras)
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário (Aurélio) da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1999.
- GARCIA, Afrânio da Silva. *Figuras semânticas de linguagem*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2001.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- MATTA, Roberto da, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MÁXIMO, João & DIDIER, Carlos. *Noel Rosa: uma biografia*. Brasília: UNB/Linha Gráfica, 1990.
- NETO, Raimundo Barbadinho, *Sobre a norma literária do modernismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro de Século XIX*. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.
- SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações no samba do Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Zahar / UFRJ, 2001.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Música popular e moderna poesia brasileira*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SILVA, José Pereira da. *A nova ortografia da língua portuguesa*. 2. ed. Niterói: Impetus, 2010.
- VIANA, Hermano, *O mistério do samba*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 2007.